



VOZES DA RESISTÊNCIA: RELATOS DA COMUNIDADE TRANSEXUAL DE PENEDO-AL

Debora Anny Santos Liberato ¹
Gustavo Carvalho dos Santos ²
Camila Souza Porto ³

RESUMO

A comunidade transexual percorre uma história de invisibilidade em sua trajetória, esta sofre violências e perseguições que são decorrentes do preconceito enraizado na sociedade brasileira que historicamente estigmatiza essas pessoas, os inserindo em bolhas sociais à margem da sociedade. Em um cenário de lutas para sobreviver e viver, este trabalho emerge com relatos de pessoas da comunidade transexual, sobre como foram suas trajetórias desde a infância e como foi seu entendimento como pessoa transexual, suas lutas e suas vitórias enquanto um corpo que simboliza resistência. Este estudo elaborado em torno de uma pesquisa qualitativa tem como objetivo o enriquecimento de vivência sobre a transexualidade por graduandos de Licenciatura em Ciências Biológicas da cidade de Penedo-AL. Ao encontrar-se diante destas pessoas e ao ouvir seus relatos de trajetórias marcadas impasses e lutas por espaço e voz dentro da sociedade, mostra-nos uma longa caminhada para haja justiça social, que só será possível ser efetiva e vista, com a quebra da resistência social por partes das pessoas que não fazem parte da comunidade, mas que são também fruto de uma sociedade que criada sobre os pilares do separatismo. Diante disto, podemos perceber que o papel do docente de ciências e biologia dentro da comunidade escolar que muitas vezes é central no desenvolvimento de projetos e atividades de forma transversal, sendo fundamental para uma educação sexual e sexualidade na formação cidadã.

Palavras-chave: Formação docente, Transexualidade, Sociedade, Transfobia.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira formou-se sobre os tabus construídos relacionados a sexualidade, raça, gênero e as pluralidades advindas destes termos, entretanto com o decorrer do tempo e as mudanças que novos pensamentos trouxeram a possibilidade do debate de questões e pessoas invisibilizadas (Menezes, 2018). Este é um reflexo de todo um contexto mundial que por anos ignorou as nuances da sexualidade humana com a intenção de diminuir ou até mesmo limitar as experiências de homens e mulheres (Menezes, 2018). Pensar no tempo atual e ainda não trazer ao debate temas considerados “difíceis” nos leva a carregar ainda as amarras do passado

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas - AL, debora.liberato@arapiraca.ufal.br;

² Graduando pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas AL, gustavo.carvalho@arapiraca.ufal.br;

³ Professora Doutora pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, camila.porto@penedo.ufal.br.



e enxergar as pessoas como desejadas e não desejadas, desta forma, este artigo tem como objetivo ouvir vozes que são silenciadas em nossa comunidade e questionar como nossa sociedade pode ser eficaz em excluir.

Segundo Rozario; Mayorga, as políticas públicas brasileiras são desenvolvidas através de nossa carta magna a Constituição Federal (CF) onde está inserido os direitos e garantias da população, entretanto quando debatemos sobre as políticas para a população LGBTQIAPN+ esta não é diretamente considerada, mesmo que haja de certa forma algumas leis e avanços, estes não conseguem abranger as necessidades que uma população marginalizada por séculos necessita para ter voz na sociedade.

A mobilização para que políticas públicas sejam criadas requer a participação não somente de quem faz parte da sigla, mas de todo um conjunto de pessoas que acreditam em um lugar justo. No Brasil desde 2010 existe o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT) que vem com o objetivo do combate a discriminação, antes do surgimento deste conselho muitas associações e movimentos foram criados (Rozario; Mayorga, 2022).

Seguindo a linha na criação de frentes para sua proteção em 1992 foi criada a Associação de Travestis e Liberados (ASTRAL) para organizassem contra a grande violência e a falta de acesso à saúde, estas travestis e transexuais estavam até o momento em outras frentes que tinham gays e lésbicas como membros, ao organizassem com os seus, desenvolveram encontros para a discussão sobre prostituição, saúde pública, educação, trabalho e entre outros tantos assuntos que percorriam suas vidas. Os anos foram passando ocorrem mudanças de percepção como a visão de se trabalhar de forma coletiva, algumas mudanças de nome até chegar ao momento atual com o nome de Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

A ANTRA é reconhecida por todo o território brasileiro, com relatórios anuais sobre a violência contra pessoas trans, cartilhas e manuais sobre segurança pública, enfrentamento à LGBTFOBIA, violência doméstica, alteração de nome civil, entre outros serviços e como conseguir estes serviços. Atuando como uma voz na construção das políticas de inserção das pessoas trans e travestis na escola, política e em um trabalho e vida digna.

No estado de Alagoas a Associação Cultural de Travestis e Transsexuais de Alagoas (ACTTRANS) criada em 2016 com o intuito de atuar politicamente, visando a elaboração de políticas públicas no estado que fomentem empregos e ampare transexuais, transgêneros,



travestis e identidades não-binárias, este trabalho é desenvolvido com apresentações culturais. Esta associação utiliza relatórios da ANTRA sobre a violência, não ocorrendo um direcionamento ao estado. A sua atuação está bem alinhada com a saúde das pessoas trans, principalmente com o tratamento hormonal e outras questões que permeiam a vida destas pessoas. Sua atuação na cultura, mostra que a luta contra o preconceito utilizando o lúdico pode ser um grande aliado.

A realidade da cidade de Penedo–AL é diferente do país e do estado, com a existência de um de uma associação que se denomina Grupo Gay de Penedo, este grupo se insere na Aliança Nacional LGBTI+, sendo assim, participando de seminários, projetos legislativos, artigos científicos, entre outros. Não foi encontrado nenhum grupo ou associação somente com pessoas trans e travestis na cidade, entretanto estas pessoas estão inseridas nas pautas e discussões do Grupo Gay de Penedo.

No contexto da formação dos professores em Ciências e Biologia, antes que se utilizava somente das denominações feminino e masculino para tratar das figurações dos gêneros na sociedade, hoje essa visão vem sendo questionada e vista como passível de mudanças nas retratações vivenciadas, sendo assim, com novos horizontes, ideias e subjetividades (Santos; Silva, 2019).

Ao se olhar mais profundamente para as salas de aula e como os professores que saem dos cursos de formação, refletimos o silêncio que estes assuntos percorrem, pois a uma visão extremamente difundida em nossa sociedade que ver assuntos que desviam em seu olhar dos padrões de gênero como polêmicos, incômodos e desnecessários, desta forma, as discussões no contexto escolar e até mesmo no universitário fica sujeito a raso (Santos; Silva, 2019)

Ao se pensar em uma educação que abraça e traga para se todos que dela têm direito e sua fundamentalidade no desenvolvimento dos seres humanos que dividem a mesma sociedade, a educação também está para questionar os papéis de gênero criados para limitar e dessa forma, escantear a diversidade que se obtém através da liberdade exercida em sua plenitude. As práticas da educação podem e devem incitar quebra da perspectiva vigente de que tu és o que foi pré-definido para você ser (Siqueira; Welter, 2023).

O professor de Ciências e Biologia possuem papel fundamental no contexto da educação, pois discute temas relacionados a gênero, sexualidade, a promoção da saúde física, mental e sexual, entretanto ao adentrarmos as escolas enxergamos que o trabalho é árduo por



todo o posicionamento contrário crescente na sociedade, desta forma, inserindo o professor como vilão por fazer seu papel de construir sujeitos atentos e questionadores de sua realidade.

Como futuros professores de Ciências e Biologia é imprescindível que se atente as questões do gênero e sexualidade que envolve estudantes, desta forma, este trabalho foi desenvolvido visando entender e aprofundar a no questionamento da realidade das pessoas transexuais do município de Penedo Alagoas, mediante conversas não estruturadas e com tom informal para construir uma visão que abrace os protagonistas deste trabalho as pessoas transexuais e travestis.

METODOLOGIA

O trabalho estruturou-se na pesquisa e conhecimento sobre a transexualidade, através da análise de artigos, sites e a escuta de relatos, a fim de obter maior embasamento sobre a temática e desta forma dispor de informações pertinentes a vivência da comunidade, principalmente no que se refere ao enfrentamento das dificuldades encontradas por esse grupo.

A primeira etapa, consistiu na necessidade de pesquisas e incorporação do máximo de informações sobre a temática da transexualidade, no qual foi realizada, por meio da busca e seleção de artigos, através de revisão bibliográfica, sendo utilizado os sites de pesquisa *Scielo*, *Google Acadêmico* e também *Google Trends*, este último consultado para realizar análise dos dados de interesse pelo público sobre o assunto conforme os anos e relacioná-los aos acontecimentos ocorridos em cada período, a fim de obter maior conhecimento sobre o tema. Ainda houve rodas de conversas, entre os componentes do grupo, para o compartilhamento e aquisição de novos saberes. Etapa que permitiu o avanço para a segunda fase do trabalho, no qual houve a conversa com duas pessoas transsexuais, um terceiro foi convidado, mas não deu retorno. Este contato veio por meio de interlocuções de amigos em comum. O primeiro contato entre os membros do trabalho e os entrevistados foi por meio de mensagens via *whatsapp* em que foi deixado claro a intenção da entrevista e explicado qual o intuito do trabalho, e sendo aceita a proposta, foi marcada uma reunião presencial, com a escuta e anotações de dois relatos de pessoas trans, um homem trans e uma mulher trans, por meio da aplicação de uma entrevista não-estruturada, de teor qualitativo, com questionamentos direcionados às dúvidas referente as experiências vivenciadas pelo entrevistado, durante toda a trajetória, desde o reconhecimento como pessoa trans até o processo de transição para a identidade de gênero no qual se identifica.



O primeiro entrevistado foi um homem trans, jovem, ainda em fase de transição, que relatou sobre sua jornada, envolvendo a religião, a vida escolar e apoio familiar. Já a segunda pessoa entrevistada, se trata de uma mulher trans, adulta, com transição completa e relatos de dificuldades no convívio escolar, no âmbito regional e também de aceitação no mercado de trabalho. A realização dessas entrevistas ocorreu em dias diferentes, em um espaço de escuta e acolhimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações dos relatos obtidos dos entrevistados E1 e E2, permitiu a divisão em seis principais áreas, mais enfatizadas durante a jornada como pessoa trans, nas quais estão presentes a seguir:

Entendimento como pessoa trans

O processo de autoconhecimento sobre a identidade a que pertencem na adolescência, é o aspecto comum entre os dois entrevistados. (E1) fala como na infância percebia que algo estava errado no seu comportamento quanto menina, pois sentia que estava interpretando um personagem. Dentro de casa evitava conversar referente ao assunto, por conta dos pais, como também qualquer temática onde envolvesse a transexualidade, seja em novelas, vídeos, ou até em conversas, fugia totalmente desses assuntos, mesmo que não conseguisse parar de se questionar sobre. Ainda nessa época adoeceu com depressão, para melhorar procurou a ajuda de esportes, porém acabou desenvolvendo um *overtraining* (quando o atleta faz mais esforço do que seu corpo pode suportar) e parou os treinos, momento em que voltou a passar mais tempo com os pais e conseqüentemente lidar com seus dilemas, novamente. (E2) aborda acerca da dificuldade em se apresentar para a sociedade de forma diferente da que as pessoas a conheceram.

Vida escolar

A escola por ser um local de socialização, refletem algumas das problemáticas da sociedade, entre elas o preconceito, em contraponto pode encontrar nesse ambiente um grupo de apoio. O (E1), se deparou com dificuldades por fatores religiosos, devido a instituição de ensino ser religiosa, todavia conseguiu um ciclo de apoio de amigos, que deram suporte aos enfrentamentos internos e externos. (E2) na unidade em que estudou, lidou com olhares



estranhos e atos de bullying, porém não a intimidaram a seguir em frente e com o auxílio de amigos conseguiu superar os obstáculos presentes em sua trajetória.

Migração

O ponto em que os dois entrevistados convergem, diz respeito ao deslocamento para cidades diferentes do local onde foram criados. (E1) Aos 18 anos, planejou uma viagem para outra cidade, com o objetivo de conquistar sua liberdade e poder se entender. Com todas as necessidades calculadas, mudou-se. No novo local começou a aceitar sua identidade (homem trans) aos poucos e construir sua nova identificação, foi onde obteve mais informações sobre os passos para a realização da transição de gênero. O mesmo processo de mudança de local ocorreu com (E2), que se deslocou, para poder se apresentar de outra forma para a sociedade com apoio dos amigos. Nesse novo ambiente, pôde se mostrar da maneira que tanto queria e sentia ser (mulher trans).

Religião

A religião se fez presente e de forma fundamental, na jornada do (E1), relata que em sua mudança, teve contato com uma pessoa que se apresentou como pertencente a religião Candomblé, com o qual conversou a respeito de sua vida, ao ouvir a história, o homem indicou procurar uma “mãe de santo”, conhecendo, começou a trabalhar para ela. Até que um dia, se sentia perturbado e mal com as questões sobre sua identidade, logo a sua “mãe de santo” (a patroa), percebeu e perguntou se ele era um homem trans, em resposta (E1) confirmou. Após este episódio, foi chamado a frequentar um evento no terreiro, que o possibilitou melhorar e focar no processo de transição. De imediato, considerou assustador, pois teria que enfrentar mais uma dificuldade para conseguir a mudança de gênero. Entretanto, prosseguiu para a etapa de transição e simbolismo do nome, no qual começou a se referir no masculino. Assim, o nome também sofreu modificação, todavia prezou-se em manter a mesma representação histórica dele, este aos poucos incorporou-se no vocabulário da família.

Mercado de Trabalho

No âmbito de trabalho o (E1) buscou como meio de trabalho a venda nas ruas de paçoca, para poder se sustentar no novo local em que estava, mas com o tempo conseguiu outro trabalho, proporcionado pela sua “mãe de santo”, antes do seu retorno para a cidade de origem e a família. O (E2) descreve que em seu trabalho como técnica em enfermagem, precisou constantemente



se provar competente, por estar em um meio, onde persistia a opressão. Informa ainda, que apesar das dificuldades enfrentadas por ser uma mulher trans, inserida em um mercado fora de estereótipos, conseguiu sobressair sobre elas e se tornar reconhecida pelo que faz, no qual atribui como uma das melhores conquistas e acredita que outras mulheres trans consiga também, através da ocupação desses espaços mostrar suas competências e capacidades como todas as pessoas cis são aceitas.

A conquista do Apoio Familiar

Dentre os relatos, o contexto familiar estava entre os tópicos que geraram mais preocupação, quanto a descoberta da identidade de gênero. (E1) tinha uma mãe muito católica, via que não valia a pena brigar com a mãe, pois no fim do dia teria que fazer o que ela queria. Devido a esse pensamento, ficou durante toda a infância evitando se referir ao assunto dentro de casa, só após os 18 anos sentiu a necessidade de conversar, porque poderia sair de casa. Mesmo assim, aconteceram alguns episódios que foram interpretados como sinais, como a vez que a mãe flagrou a utilização do barbeador do seu pai em suas mãos para fazer a barba e não comentou nada, depois o ato de cortar o cabelo curto. Mas ao completar a maioridade (18 anos), decidiu viajar e planejou deixar uma carta para a mãe, porém desistiu por medo de ela ir atrás e resolveu enviar por mensagem quando já estava dentro do transporte, informou no texto que estava fazendo esse ato não por rebeldia, e sim pela sua existência. Infelizmente, ao passarem três dias seu pai sofreu um AVC, por fatores emocionais, com sua volta repentina o pai melhorou, e logo (E1) retornou para o lugar onde estava. Faltando anunciar sobre a transexualidade ainda, recebeu um tempo depois a visita de seus pais, porém alguns conhecidos no local onde estava morando o tratavam no masculino, o que causou um certo estranhamento, por parte de seus pais, então teve a decisão de contar. Ao noticiar sobre sua identidade de gênero seu pai se emocionou e ficou sem acreditar que iria mudar de nome, voz e corpo, ao passo que sua mãe com a notícia preferiu não contestar nada no momento e pediu sua volta para casa. Fato que o fez refletir como seria ao contar a sua tia, que também era muito religiosa, entretanto seria diferente com a ajuda dos pais, no qual mais tarde acompanharam e apoiaram sua transição, até o dia que conseguiu a aceitação completa, momento em que sua mãe o chamou pelo seu novo nome. (E2) ao realizar a mudança para outra cidade, começou a transição com o uso de hormônios sem orientação de um especialista, pois quando procurou um endócrino esse não sabia como a orientar na transição, realizando assim, o processo através das informações sobre os medicamentos que as amigas utilizavam. Com o adoecimento da mãe, necessitou levar ela



para cuidar na cidade onde estava, período que estava em processo de transição, em certa ocasião sua mãe a viu, vestida e maquiada para sair e teve uma surpresa, depois dessa cena explicou à mãe a respeito da sua identidade de gênero. Alguns anos depois sua mãe faleceu, mas antes houve a aceitação por parte da mãe, dentro de pouco tempo depois seu pai também começou a tratar no feminino e contou com o apoio da família de seu marido, que a acolheu como uma filha, sendo essencial em sua trajetória. Infelizmente seu marido e pai faleceram de câncer, posteriormente.

O passo inicial que é a própria aceitação e entendimento da identidade a que pertencem diferente do seu corpo de origem, por si só é uma luta (interna), além desse obstáculo acrescenta-se a implicação dessa atitude nas diversas áreas da vida, perpassando o contexto escolar, no qual é preciso lidar com os preconceitos existentes em comportamentos sutis e até mesmo em ações mais explícitas, a fim de intimidar a existência quanto pessoa fora do padrão cis de construção social. Segundo Monteiro (2017) as crianças vivem sofrendo com o preconceito na escola e com a não aceitação social e ainda ficam à mercê de políticas públicas muito conservadoras e nada ou pouco preocupadas com esse problema. Reforçando, assim, a necessidade de se combater a violência que ocorre nesses centros de forma séria, real e efetiva.

Ao partir para as relações já desenvolvidas na vida, se depara com a dificuldade em se assumir para este público de forma diferente do que estão acostumados a enxergarem, despertando assim, a vontade de mudar de lugar para “começar tudo do zero”, fazendo uma nova história, em que dessa vez ela se identifica. Alguns têm a possibilidade de nessa caminhada poder encontrar uma cultura, religião ou até pessoas que possibilitem a descoberta das etapas até sua identificação completa. Já no trabalho a dificuldade é percebida nos estereótipos impostos pela sociedade sobre as pessoas trans, principalmente mulheres trans, em que muitos têm a visão que esse grupo só pode ocupar vagas em determinadas áreas convencionais, qualquer emprego que se esquive desse padrão, o mesmo é visto como incapaz ou incompetente para o cargo, nesse momento mais uma vez, é posto à prova a resistência dessa comunidade. Em que ainda, tem como um dos maiores desafios a conquista do apoio familiar, sendo imprescindível e significativa na vida de toda a comunidade trans.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao trabalhar com este tema, podemos notar a falta de informações de dados concretos a dificuldade em torno do assunto chega a extremos das pesquisas bibliográficas não dar conta das informações, a escassez nos faz verificar como estudar a vida das pessoas trans no Brasil ainda caminha a passos curtos, quase preguiçoso. Precisamos de mais associações e grupos que se mobilizem em torno e mostre a necessidade de trazer a luz os problemas, mas também humanizar.

As políticas públicas precisam dar uma guinada, à cobrança às autoridades públicas necessitam de efetividade, as lideranças mobilizar se para que a nova sociedade seja melhor para estas pessoas. Em nosso entorno há dezenas de pessoas transexuais e travestis que ainda não possuem o acesso a direitos fundamentais e esta mobilização precisa ser com toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS DE ALAGOAS. **Acttrans Alagoas**. [S.I.], 2021. Disponível em: <https://acttransalagoas.wordpress.com/>. Acesso em: 17 set. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE COMBATE A DISCRIMINAÇÃO E PROMOÇÃO DOS DIREITOS DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (CNCND/LGBT). **Gov.br**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/old/cncnd-lgbt/cncnd-lgbt>. Acesso em: 17 de set. de 2024.

MENEZES, Lincoln Moreira de Jesus. Transfobia e racismo: articulação de violências nas vivências de trans. **Boletim do Instituto de Saúde-BIS**, [S.I.], v. 19, n. 2, p. 62-76, 2018. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/34593> Acesso em: 15 de set. de 2024.

ROZARIO, Elton Santa Brígida do; MAYORGA, Claudia. Os conselhos de políticas públicas e a democratização no Brasil: Participação social e o enfrentamento à LGBTfobia. **Serviço Social & Realidade**, [S.I.], v. 31, n.1, 2022. Disponível em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/4170> Acesso em: 17 de set. de 2024.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Ensino de Biologia e transexualidade. **Ensino em Re-Vista**, v. 26, n. 1, p. 147-172, 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1983-17302019000100147&script=sci_arttext Acesso em: 02 de out de 2024.

SIMPSON, Keyla. Resistir pra existir, existir pra reagir. **Antrabrazil.org**. [S.I.], 2018. Disponível em: <https://antrabrazil.org/>. Acesso em: 17 de set. de 2024.

SIQUEIRA, Eduardo Adam; WELTER, Nelsi Kistemacher. Novas perspectivas: transexualidade e educação em busca de uma sociedade menos opressora. **Alamedas**, v. 12, n. 3, p. 132-141, 2024.



Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/33146> Acesso em: 03 de out de 2024.